

WANDA HANKE E A FORMAÇÃO DE COLEÇÕES ETNOGRÁFICAS NA AMÉRICA DO SUL

MARIANA MORAES DE OLIVEIRA SOMBRIO*

MARIA MARGARET LOPES**

Introdução

Em 1941 jornais brasileiros como o *Diário da Noite*, *O Jornal* e o *Diário de Pernambuco* anunciavam a visita ao país da expedicionária norte-americana Alice Sumner Penha. O título da notícia publicada no jornal carioca *Diário da Noite* era: “Vem ao Brasil uma expedição chefiada por uma mulher”. O texto informava que o Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil¹ havia recebido, por intermédio do Ministério das Relações Exteriores, um pedido da embaixada dos Estados Unidos para permitir que entrasse no Brasil a expedição realizada pela Sr^a. Alice Penha, que desejava estudar “nossa riqueza mineral”.²

Alice Sumner Penha era geóloga e veio sozinha ao Brasil. Era a única responsável pela expedição que tinha como objetivo estudar e fotografar as principais minas de pedras preciosas nos Estados de Minas Gerais e Bahia. Segundo o pedido de licença enviado ao Conselho de Fiscalização, a expedicionária também pretendia reunir material para estudo microscópico e para a realização de conferências em universidades dos Estados Unidos.

Notícias como essas, ainda causavam estranhamento para muitos, no Brasil. A prática científica não parecia ser um “assunto de mulher”. Na verdade, não era comum encontrar mulheres chefiando suas próprias expedições ou realizando trabalho de campo sozinhas, ou pelo menos não parecia ser. No livro “Antropólogas e Antropologia”,

*Historiadora e Doutoranda em Política Científica e Tecnológica, DPCT- IG, Unicamp, Bolsista Capes.

**Pesquisadora do *Pagu* - Núcleo de Estudos de Gênero da Unicamp.

¹ O Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil (CFEACB) foi criado no início da década de 1930, pelo governo federal. Era o órgão responsável por fiscalizar e licenciar expedições científicas e artísticas realizadas no território nacional. Junto à criação do CFEACB outros órgãos foram criados pelo Estado com o intuito de definir novas políticas públicas visando promover objetivos diversos, entre eles, a proteção dos bens da nação (GRUPIONI, 1998).

² Dossiê CFE.T.2.186 – Alice Sumner Penha, Acervo do CFEACB, MAST –RJ.

Mariza Corrêa afirma que, de fato, no período entre os anos finais do século XIX e os anos 1940 do século XX “era raro uma mulher em busca de renome, o mais freqüente sendo a existência de pesquisadoras dublês de esposas – ou vice-versa.” O estudo de casos de mulheres que pesquisavam sozinhas nesse período é revelador das dificuldades que elas enfrentavam para realizarem suas pesquisas de campo. As mulheres estrangeiras que vinham ao Brasil estavam majoritariamente enquadradas em duas situações principais: “ou elas faziam parte de um time profissional com seus maridos, ou corriam o risco de serem malvistas pelos pesquisadores locais, em sua maioria homens” (CORRÊA, 2003: 24).

Mas a medida que pesquisadoras e pesquisadores brasileiros começaram a se voltar para fontes documentais e arquivos, informados pelas perspectivas de gênero, mais personagens e interpretações começam a vir a tona. Quando aplicadas criativamente, as análises de gênero têm demonstrado seu potencial, podendo contribuir para nossos modos de conhecer o mundo, justamente por abrirem novas perspectivas, novas questões e novas visões (SCHIEBINGER, 2008: 4).

Diferentemente de Alice Sumner Penha, as expedições de Wanda Hanke (1893-1958) parecem não ter chegado as páginas dos jornais. Na verdade uma de suas expedições nem foi autorizada pelo Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil. Em setembro de 1940, Wanda Hanke (1893-1958) enviou um requerimento de licença ao Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil pedindo autorização para realizar uma expedição para estudar indígenas na Ilha do Bananal e na região do Rio Araguaia, no interior do país. Seu requerimento, como diversos outros, foi negado por não ter obedecido a norma que exigia, que todos os pedidos de licença formulados por estrangeiros fossem feitos por intermédio do Ministério das Relações Exteriores. Não há mais registros sobre Wanda Hanke nas atas do Conselho e nem informações sobre suas expedições no país.

Considerando apenas esses documentos, seria de se supor que Wanda Hanke não teria realizado expedições pelo país. As coleções etnográficas, de fotos e correspondências depositadas até hoje no Museu Paranaense, em Curitiba, nos permitiu seguir pistas que contam outra história. Tendo tais coleções como ponto de partida para uma pesquisa que está em seu início³, esse artigo, acompanha brevemente alguns

³ Projeto de doutorado desenvolvido no DPCT – IG, Unicamp: “Refletindo sobre gênero e ciências -

momentos da trajetória de Wanda Hanke que foi mais uma, das já não tão poucas, mulheres que na primeira metade do século XX, se aventuraram por regiões da América do Sul. Sem filiação institucional, articulando atividades científicas e comerciais, reunindo e vendendo coleções, escrevendo artigos científicos, fotografando e registrando suas viagens, Wanda Hanke circulou por territórios de diferentes nações indígenas no Brasil, Bolívia, Paraguai e Argentina.

Wanda Hanke e suas expedições pela América do Sul

Desde já há alguns anos, novas perspectivas em história das ciências incorporaram um número de novos atores, culturas, localidades, bem como abordagens que cobrem os mais amplos espectros, como por exemplo, desde os estudos de colecionismo às abordagens teóricas de gênero. A circulação de objetos, coleções, pessoas, informações, teorias fez e faz parte de processos, em que cada vez mais as práticas científicas têm sido entendidas também como formas de comunicação e comércio, muitas vezes indissociáveis. Nessas abordagens a centralidade dos processos de interação entre indivíduos em movimento, circulando por diferentes países e nas mais variadas condições, tem possibilitado a divulgação de novas instigantes trajetórias não só dos considerados personagens ícones da historiografia, mas daqueles e daquelas ilustres desconhecidos(as), aventureiros(as), amadores(as) que têm desafiado a rigidez dessas mesmas categorias em que costumam ser enquadrados.

Wanda Hanke é mais uma dessas personagens que transgride as fronteiras de tais classificações. E ainda é pouco conhecida no Brasil. Formada em psicologia, medicina, e direito, a partir dos quarenta anos de idade passou a dedicar-se a etnologia. Nascida em 1893, na Áustria, acabou falecendo na cidade de Benjamin Constant, Amazonas, Brasil, em 1958, durante uma de suas viagens de campo, sobre a qual também ainda não encontramos registros na documentação do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil.

O Conselho foi o órgão federal criado em 1933, momento em que o Estado brasileiro assumia uma forte ideologia nacionalista, que passou a ser incorporada em grande parte das instituições públicas brasileiras. Foi o órgão responsável por fiscalizar

Participação de mulheres cientistas em expedições científicas na primeira metade do século XX” – Mariana Moraes de Oliveira Sombrio, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Maria Margaret Lopes.

e licenciar expedições científicas e artísticas realizadas em território nacional, assim como o material coletado por essas expedições (GRUPIONI, 1998). Além do exercício da fiscalização, o Conselho exigia dos viajantes duplicatas de qualquer material coletado, que deveriam ser encaminhadas para instituições científicas brasileiras, particularmente para o Museu Nacional do Rio de Janeiro, uma das instituições que permanecia como uma das mais influentes da época. Essa exigência que visava a proteção de recursos naturais, bem como da cultura material do país, pressupunha que os investigadores estrangeiros contribuíssem com a formação de coleções e produção de conhecimento no país. Em 1968, as atividades realizadas por esse órgão foram totalmente assumidas pelo CNPq, o que ocasionou sua extinção.

Na carta que enviara ao Conselho, em 1940, Wanda Hanke informava que sua expedição seria feita individualmente e deveria durar dois anos. Ela levaria material para caçar cobras, lacraias e insetos, que lhe seria fornecido pelo Instituto Butantã. Do material colhido a maior parte seria oferecida ao Museu Nacional do Rio de Janeiro e o restante ao Instituto Butantã e ao Museu da Faculdade de Filosofia de São Paulo. Ela também informava desejar oferecer parte dos materiais coletados ao Museu de La Plata na Argentina⁴.

Com o intuito de resgatar a trajetória dessa ilustre exploradora e problematizar a participação de mulheres em práticas científicas procuramos encontrar os trabalhos realizados por essa exploradora, publicações e coleções reunidas por ela. Já sabemos da existência de grande quantidade de peças indígenas que ela enviou ao Museu de Viena, na Áustria, uma enorme coleção de fotografias no Museu Paranaense, em Curitiba, além de documentos e publicações, peças no Museu Arqueológico da Universidade de Cochamba, Bolívia, e no MAE – Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, São Paulo. As informações que encontramos e os relatos de suas viagens também indicam que ela forneceu peças ao Museu de La Plata, na Argentina, mas a existência desses objetos ainda precisa ser confirmada.

Publicou diversos artigos sobre culturas indígenas sem apoio oficial de nenhuma instituição científica e reuniu diversas coleções sobre essas populações no período em que viajou pela América do Sul. Alguns desses artigos estão publicados na revista do Museu Paranaense intitulada - *Boletins do Museu Paranaense*.

⁴ Dossiê CFE.T.2.170 – Wanda Hanke, Acervo do CFEACB, MAST –RJ.

Até hoje seu nome é citado em estudos sobre lingüística e etnologia indígena não só no Brasil, mas também em outros países da América Latina. O historiador boliviano Eduardo Ocampo Moscoso reuniu e publicou em um livro as cartas que recebeu de Wanda Hanke, nas quais ela relatava suas expedições e negociava o fornecimento de artefatos indígenas para o Museu Arqueológico da Universidade de Cochamba em troca de ajudas de custo para suas viagens (MOSCOSO, 1982). Toda essa documentação nos mostra que apesar da recusa do Conselho em fornecer a autorização, ela excursionou durante muitos anos pelo Brasil e em outros países da América do Sul. Seu nome é destacado até hoje em estudos sobre a língua caingangue e também em estudos sobre os índios chacobó.⁵

A participação de mulheres em práticas científicas até meados do século XX ainda é pouco reconhecida, mas ao investigar os mais variados acervos históricos nos deparamos com a presença delas. A partir disso, podemos concluir que a própria historiografia das ciências criou uma certa invisibilidade dessa participação das mulheres e ao falar sobre elas pretendemos também dar reconhecimento e entender como se deram suas trajetórias em um ambiente pouco favorável à inserção feminina.

Colecionismo e o trabalho etnográfico de Wanda Hanke

Ainda estamos no início da pesquisa e reunião de dados sobre seus trabalhos e coleções, mas já conseguimos encontrar uma quantidade significativa de fontes e documentos que comprovam a importância de seu trabalho etnográfico. As fotografias doadas por Wanda Hanke presentes no acervo do Museu Paranaense são impressionantes e ilustram inúmeros aspectos de diversos povos indígenas.⁶ A interpretação dessas imagens, esses registros de momentos habituais de tais grupos

⁵ “Nos anos 1940 surgem trabalhos mais acurados, ainda que menos volumosos, na linha da lingüística histórico-comparativa assinados por Mansur Guérios (1942 e 1945). Na seqüência dele merecem registro os estudos de Wanda Hanke, tanto do Xokleng (HANKE, 1947) como do Kaingang norte paranaense (HANKE, 1950).” Pesquisa Google - referências: *Wilmar R. D’Angelis – lingüista*, (UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas, SP – Brasil) e *Juracilda Veiga – antropóloga* (Kamuri - Núcleo de Cultura, Educação, Etnodesenvolvimento e Ação Ambiental). Ela também foi citada no artigo de Miguel Alberto Bartolomé, “As etnogêneses: velhos atores e novos papéis no cenário cultural e político”, *Mana*, vol. 12, n° 1, Rio de Janeiro, abr. 2006: “Quando, em 1952, a etnógrafa viajante Wanda Hanke visitou os chacobó, caçadores e coletores [...] habitantes das florestas do oriente boliviano [...]”.

⁶ Fontes: Governo do Estado do Paraná, Secretaria de Estado da Cultura, Museu Paranaense. Agradecemos a ajuda e contribuição dos funcionários do Museu Paranaense para aquisição dessas fontes.

podem contribuir muito para a interpretação da história desses povos, dos estudos indigenistas e de antropologia realizados nesses países. Nesse esforço inicial, pretendemos divulgar a existência desses acervos e tentar demonstrar as imensas possibilidades de pesquisa existentes a partir de bens materiais e coleções guardadas em museus.

Entre a coleção de fotos do Museu Paranaense podemos identificar cinco povos indígenas diferentes: maccá, borôro, kaingang, kaingá e botocudos. A partir desses retratos, das legendas anotadas por Wanda Hanke no verso delas, em espanhol e alemão, e da catalogação feita pelo Museu Paranaense podemos recuperar inúmeros aspectos das práticas cotidianas desses povos, bem como identificar os interesses e enfoques privilegiados para registro pela pesquisadora.

As fotos dos índios maccá, habitantes do Paraguai, incluem retratos de médicos/feiticeiros, índios tecendo redes, suas vestimentas, moradia, famílias, adornos auriculares, o rio Confuso e parte da região habitada pelos índios, as mulheres do grupo, trajes de festa, uma festa chamada de “festa da chica”, couro de animais estendidos para secar, danças, coelhos selvagens cozidos para alimentação, homens e jovens em jogos de azar, um índio caçador de avestruzes e índios vestidos para festa.

As imagens dos índios borôro provêm de dois lugares, Mato Grosso e Santa Catarina, e retratam crianças, jovens, em algumas fotos eles aparecem com adornos típicos, mostram o uso de um “diadema de plumas” (termo usado na catalogação, é uma espécie de adorno na cabeça), e mulheres também com adornos diversos (colares, braceletes, etc).

Dos os índios kaingá, residentes em Santa Catarina, são poucas as fotos, mas uma delas chama a atenção por ser um cartão postal retratando um grupo de índios nomeados de “kaingá-cafuás” e junto ao grupo está um auxiliar do antigo Serviço de Proteção aos Índios (SPI) de nome Deocleciano Souza Nenê.

As fotos dos índios kaingang são as mais numerosas e foram tiradas em pelo menos quatro localidades diferentes do Paraná, identificadas como: o município de Pitanga, Faxinal, Palmas e Serra do Chagu. Todas as fotos foram doadas por Wanda Hanke e registradas pelo Museu em 1966, mas algumas das fotos dos kaingangs têm datas registradas por ela e são de 1949. São retratadas famílias inteiras, também há uma foto de um casal em forma de cartão postal, grupos de índios, índias trançando cestos,

idosos, mulheres com crianças, habitações, uma foto da própria Wanda Hanke com um casal indígena, um momento de descanso dos trabalhadores indígenas e a fabricação de sombreros.

Finalmente temos as imagens dos índios botocudos que datam de 1942, segundo legenda da própria exploradora. Há uma foto de uma índia chamada Wieky e no verso Wanda Hanke escreveu que ela era a índia mais velha desse grupo, podendo ter entre 120 e 130 anos. Também há uma foto de um índio talhando arcos e flechas. A localização desse povoado é o Posto Duque de Caxias, em Santa Catarina.

O autor argentino Máximo Farro argumenta que a partir do final do século XIX as práticas colecionistas seguiram uma forma de divisão de trabalho bastante usual: dividiam-se entre coletores de campo e pesquisadores de museus e gabinetes. A situação de Wanda Hanke se enquadra exatamente nessa proposição. As coleções criavam vínculos entre pesquisadores de mundos sociais diversos. Ele ainda diz que para conseguirmos entender a importância dessas coleções precisamos entender seu processo de montagem e a inserção delas no contexto internacional da época (FARRO, 2010). Apesar dessas análises terem sido feitas para o caso argentino do Museu de La Plata, elas parecem abrir um bom caminho para as discussões que pretendemos fazer em relação ao trabalho da Dra. Hanke e suas relações com diversas instituições.

Além da coleção de fotos, cartas trocadas entre ela e o diretor do Museu Paranaense da época, Loureiro Fernandes, guardadas no acervo documental dessa instituição, nos mostram que ela recebia pagamentos pelas fotos que enviava, não era funcionária de nenhuma instituição específica, mas ganhava fornecendo fotografias e peças para essas instituições.

Isso também é comprovado pelo autor boliviano Eduardo Ocampo Moscoso, que publicou as cartas que recebeu de Wanda Hanke e enfatizou sua admiração pelo trabalho etnográfico realizado por ela. Em 1952, Moscoso exercia a função de Diretor do Departamento de Cultura da Universidade de Cochamba e relata em seu livro que teve a oportunidade de consolidar uma firme amizade com a Dra. Wanda Hanke (MOSCOSO, 1982). Além da amizade, os funcionários desse museu formalizaram com ela um convênio para adquirir flechas, arcos, canoas e outros objetos fabricados pelos índios das regiões que visitava. Essas peças são hoje patrimônio do Museu Arqueológico dessa Universidade.

Nas vezes em que visitou este Museu, Wanda Hanke ofereceu conferências que também se encontram transcritas no livro publicado por Eduardo Moscoso. O autor registrou com ênfase o empenho dela em reivindicar um tratamento mais justo aos povos indígenas que viviam isolados, longe das cidades e do contato civilizador. Pretendemos analisar mais profundamente as cartas e conferências publicadas por Moscoso no decorrer desta pesquisa e demonstrar mais claramente as contribuições da Wanda Hanke para o conhecimento sobre os povos indígenas na América do Sul e sobre a situação em que se encontravam em meados do século XX.

Nos artigos que publicou nos *Boletins do Museu Paranaense*, Wanda Hanke buscou retratar os costumes dos povos com os quais conviveu e fez registros bastantes detalhados das línguas desses grupos. Entre os artigos que publicou estão: “Ensayo de una gramática Del idioma caingangue de los cainganges de La Serra de Apucarana, Paraná, Brasil”; “La Cultura material de Los Guarayos Modernos”; “Los Índios Botocudos da Santa Catarina, Brasil”; “Apuntes Sobre El Idioma Caingangue de Los Botocudos de Sta. Catarina, Brasil”; “Vocabulário Del Dialecto Caingangue de La Serra do Chagú, Paraná”; “Cadivéns y Terenos”; “Los Índios Sirionó de La Bolívia Oriental”; e “Estudios Sobre a Língua Caingangue”. Em seus trabalhos de lingüística estão presentes compilações de vocabulário das línguas estudadas e análises gramaticais.

Máximo Farro argumenta que as compilações de línguas indígenas também podem ser consideradas coleções e mediante sua transcrição em papel as línguas podem transformar-se em um objeto passível de ser classificado e estudado comparativamente, assim como espécimes de coleções de história natural (FARRO, 2010: 11). Wanda Hanke fez uma catalogação impressionante das línguas que estudou e seus trabalhos lingüísticos são citados até hoje por pesquisadores da área. Essas coleções lingüísticas são retratos de culturas nativas da América do Sul que foram diminuindo com o avanço das cidades e do tempo.

Essa tentativa inicial de reunir os diversos trabalhos e coleções da expedicionária Wanda Hanke em um artigo objetivou ressaltar a importância de processos associados a circulação, intercâmbio e relações interpessoais que envolvem a formação de coleções. Qualquer conjunto pode compor uma coleção, são elas que tornam visível ou invisível a história desses objetos e de toda a estrutura envolvida em sua coleta e preservação. As pesquisas realizadas a partir de coleções depositadas em

museus podem contribuir para que a associação desses objetos com práticas particulares não seja esquecida e que toda a rede de atores e importância dos processos que fizeram com que esses objetos viessem a formar uma coleção sejam reconhecidos e estudados.

Conclusão

Há muito tempo a formação de coleções botânicas, zoológicas, paleontológicas, arqueológicas, etnológicas, entre outras, vem sendo uma importante parte das práticas científicas e a base para a construção das classificações. Mais recentemente, historiadores têm buscado compreender como a aquisição, a circulação, o intercâmbio e a re-significação desses objetos coletados influenciam e influenciaram a produção do conhecimento científico em diferentes contextos, ou seja, como essas coleções foram usadas e interpretadas de diversas formas em diferentes momentos históricos.

Essa historiografia tem reconhecido a importância das coleções na construção do conhecimento científico e revertido o quadro de descaso dos historiadores das ciências em relação à iconografia e à esses conjuntos de objetos como possíveis geradores de investigação (LOPES, 2008). Independente do valor intrínseco que possuam os objetos de uma coleção, estes só adquirem status de herança cultural ou grande representatividade em relação ao conhecimento científico depois de estudados e tornados acessíveis à coletividade (RANGEL, 2010).

O fenômeno do colecionismo permitiu a classificação da natureza em categorias e a comparação de diferentes grupos humanos, influenciando inúmeras teorias sobre esses objetos de estudo e métodos científicos. A história das coleções nos proporciona uma narrativa sobre o modo como seres humanos se esforçaram em acomodar, apropriar e estender a classificação de sistemas de conhecimentos herdados de outras gerações (ELSNER; ROGER, 1994: 2). Os objetos escolhidos para formar as coleções alocadas em museus e outras instituições permitem interpretações sobre percepções e pensamentos humanos, escolhas entre o que é importante e belo, e o que é desprezível e inaceitável na existência humana (ELSNER; ROGER, 1994: 5).

Já há muito tempo, viajantes, cientistas, artistas ou colecionadores particulares vêm reunindo coleções na América do Sul e classificando diferentes espécies de animais e plantas, assim como diferentes etnias, culturas, artefatos e peças que compõem um conjunto inestimável de fontes materiais para o estudo da história dessa região. Os

primeiros registros de coleções datam do século XVI, entre missionários jesuítas que se ocuparam de listar e ilustrar aspectos da fauna e da flora, artefatos usados por grupos nativos da região, etc.

Esse artigo buscou trazer a tona a experiência de uma personagem específica dessa história chamada Wanda Hanke, com o intuito tanto de resgatar sua contribuição à formação de coleções etnológicas na América do Sul, particularmente no Brasil, Bolívia, Paraguai e Argentina, quanto de reconhecer a participação de mulheres nos sistemas de produção de conhecimento científico em meados do século XX.

Bibliografia

Elsner, Jonh; Cardinal, Roger (organizadores). *The Cultures of Collecting*; Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts, 1994.

Farro, Máximo. *Espacios, Practicas y Cultura Material de La Antropologia Física y de La Etnografía Lingüística en La Argentina a fines Del Siglo XIX*; em Anais do 12 Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia, Salvador, 2010.

Lopes, Maria Margaret. *Trajetórias museológicas, biografias de objetos, percursos metodológicos*; em Ciência, historia e historiografia/ Marta de Almeida e Moema de Rezende Vergara, organizadoras – São Paulo : Via Lettera; Rio de Janeiro : MAST, 2008.

Moscoso, Eduardo Ocampo. *Wanda Hanke en La Etnografía Boliviana*; Libreria Editorial Juventud, La Paz, Bolívia, 1982.

Rangel, Márcio Ferreira. *A Formação e a Construção de um Patrimônio Científico: O Acervo Museológico do MAST*; em Anais do 12 Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia, Salvador, 2010.

Schiebinger, Londa. *Gendered Innovations in Science and Engineering*. Stanford University Press, 2008.